

# Apontamentos sobre a escrita de Uanhenga Xitu, um griô engajado<sup>1</sup>

Tania Macêdo\*

*Penso que neste país tenho um lugar vitalício que não vá a concurso nem disputar sequer.*

Uanhenga Xitu

**Resumo:** A presença da oralidade, o “griotismo literário” e o engajamento/responsabilidade do escritor expressos na escrita de Uanhenga Xitu (Agostinho Mendes de Carvalho) e que apresenta uma forma muito própria de narração próxima da fala dos griôs tradicionais, além de seu afastamento do núcleo urbano, Luanda.

**Palavras-chave:** Oralidade; Engajamento; Angola, Uanhenga Xitu.

Dono de uma voz singular dentre os modernos prosadores angolanos, Uanhenga Xitu (Agostinho Mendes de Carvalho) destaca-se por uma escrita em que a sólida construção de personagens alia-se a uma forma muito própria de narração, bastante próxima da fala dos griôs tradicionais, impulsionada, no entanto, por um forte sentido político. Desenhando em sua ficção o perfil de homens e mulheres do interior do país, textos como *Bola com feitiço* (1974), *Manana* (1974), *Maça na sanzala* (1979) ou *O Ministro* (1990), acabam por encenar a gestualidade, as crenças e a fala de uma Angola não raro distante de Luanda, sua capital.

---

<sup>1</sup> Este texto, com modificações e sob o título “Uanhenga Xitu e a escrita poeticamente política”, foi inicialmente publicado em MELO, Dario e SANTOS, Jacques dos (Org.). *O homem da Quijinga*. 1 ed. Luanda: Chá de Caxinde, 2007, p. 141-145.

\* Universidade de São Paulo.

E aqui está talvez uma das mais fortes marcas da ficção do autor: o seu afastamento do núcleo urbano, buscando flagrar os mitos e ritos do “mato”, da sanzala, trazendo ao leitor culto e urbano a mundividência e as vozes do *hinterland*. Essa escolha, sem dúvida, acaba também por orientar a linguagem de Uanhenga Xitu, na medida em que seus textos fogem do português padrão urbano, não sendo difícil neles encontrar expressões em línguas nacionais angolanas, sobretudo o quimbundo, indiciando um trânsito de linguagens, como se pode verificar, por exemplo, no trecho abaixo transcrito de *Cultos especiais* (1997):

A área do Concelho tinha sido assolada, em anos recentes, por uma praga de *kihoho* (gafanhotos) e como isso não bastasse, seguiu-se uma *kihala* (estiagem), nunca antes vista nos últimos 20 anos. Estava-se na década dos 30/40 (XITU, 1997, p. 41-42).

Assim como no excerto em que os fenômenos recebem dupla nomeação (*kihoho* e *kihala* ou gafanhotos e estiagem), muitas vezes nos textos do autor ocorre a “tradução” de vocábulos no corpo da narrativa, ou frases inteiras em quimbundo, por exemplo, construindo um hibridismo linguístico bastante produtivo. E é esse hibridismo, aliás, uma das características marcantes da sua personagem mais expressiva e conhecida e que, indubitavelmente, está inscrita de forma definitiva no repertório das literaturas de língua portuguesa. Referimo-nos aqui a “Mestre” Tamoda, o cozinheiro negro que servia em uma casa de branco em Luanda e que, voltando a sua terra, passa a utilizar as “folhas soltas de dicionário,” e partes de gramática que trouxera em sua bagagem para a sanzala, a fim de ensinar um novo português, a “língua de Tamoda”. Nesse sentido, a cidade é focalizada como o espaço de assimilação dos costumes europeus e da língua portuguesa, que são transportados para a sanzala, pela personagem:

O novo intelectual, no meio de uma sanzala em que quase todos os seus habitantes falavam quimbundo e só em casos especiais usavam o português, achou-se uma sumidade da língua de Camões. (...)

Como da cidade trazia dinheiro e podia pagar a alguém que lhe fizesse o trabalho de obrigação a que certo “morador” estava sujeito a prestar nas lavras dos sobas e de outras autoridades, o “dicionarista” tinha tempo de exhibir os seus fatos, trazidos da cidade (XITU, 1994, p. 10).

O uso da ironia aponta não apenas para a constituição da personagem, cuja empáfia não é perdoada pelo narrador, mas também encaminha a atenção do leitor para a questão do trabalho obrigatório (ao soba, autoridade tradicional), mas também a “outras autoridades” (os brancos?) a que estavam sujeitos os homens das povoações do interior.

É interessante ainda referir que, a essa luz, o *hinterland* é focalizado longe de uma aura de exotismo e, de certa maneira, permite perceber como os desmandos do colonialismo chegavam a todas as localidades. Dessa forma, ilumina-se o fato de a figura de Tamoda chamar a atenção das autoridades, em função de desautorizar a escola e os professores e, por extensão, as formas de dominação colonial. E, como resposta, todas as instâncias repressivas são acionadas:

E o rapaz foi cruelmente palmatoado e varado.

– Fiquem já avisados – dizia a professora, dirigindo-se para os alunos. – Não quero palavras do português do Tamoda cá dentro e nem lá fora. E todo o aluno que for denunciado que continua a usá-lo será castigado. E como exemplo está aí o vosso colega. Kidi ainda choramingava e torcia-se. – Nada do português do Tamoda. Em vez de estudarem a matéria da escola passam o tempo a decorarem disparates!... (XITU, 1974, p. 24).

(...)

A autoridade depois de tanto olhar para ele... fez sinal ao cipaio e o “catedrático” foi enxovalhado. (...)

Para a varanda Tamoda ia com as mãos cruzadas e bem aquecidas (...)  
(XITU, 1974, p. 39).

“Mestre Tamoda” é uma narrativa que tematiza as tensões e assimetrias instaladas pelo colonialismo a partir da questão linguística. Dessa forma, a personagem-protagonista corporifica os impasses do chamado “bilinguismo colonial”, sobre o qual, segundo Memmi:

(...) não é nem uma diglossia, onde coexistem um idioma popular e uma língua de purista, pertencentes ambos ao mesmo universo afetivo, nem uma simples riqueza poliglota, que se beneficia de um teclado suplementar porém relativamente neutro: é um drama linguístico (MEMMI, 1977, p. 98).

Há de se notar, entretanto, que, apesar da seriedade das questões presentes no texto, a existência de um narrador irônico “põe em evidência o conflito, através de uma linguagem plena de humor, retratando uma situação ao mesmo tempo trágica e cômica.” (MOURÃO, 1985, p. 124)

#### A NAÇÃO, A POÉTICA E A POLÍTICA

ao iluminar a trajetória do escritor Uanhenga Xitu, verifica-se que sua literatura tem profunda ligação com a sua trajetória de luta política e, nessa medida, está profundamente ligada à atuação do cidadão Mendes de Carvalho. A essa luz, não causa espécie que as questões referentes à nação angolana ganhem especial atenção, como se pode aquilatar, por exemplo, em *O ministro*:

Que importa que sejam alcunhados de pertencerem a uma outra facção, quando o que para mim, mais conta, foi, e é, o calor que compartilhávamos juntos na mesma esteira, no mesmo estrado cheio de percevejos, a dor do mesmo chicote que, zás para mim, zás para vocês, nos zurzia nos lombos e costas por causa da revolução?

Que me importa a mim se estão do outro lado, quando o ideal que nos unia era fervorosamente defendido, ao ponto de sentir no meu corpo os salpicos do seu sangue e do vosso sangue, tirado, tirado a sabre e coronhadas, em prol da independência. Quem nos dividiu e quem nos vai unir novamente senão nós mesmos (XITU, 1990, p. 21).

O forte apelo à concórdia enraíza-se em uma concepção de nação nascida sob a égide da história (a dor do chicote, a luta pela revolução) que abre possibilidades para o entendimento, já que todos construíram com o seu sangue a independência. Vale notar que essa perspectiva não impede, todavia, que no prefácio de *Cultos especiais* haja uma severa reprimenda à ala radical, “da direção da UNITA, [que] tem frustrado as perspectivas de paz que o povo angolano e a Comunidade Internacional vêm nutrindo.” (XITU, 1997, p. 21). No entanto, no mesmo Prefácio, lê-se:

Aproveito também esta ocasião a partir desta tribuna para fazer um apelo aos irmãos da UNITA, no sentido de assumirem a plenitude das suas responsabilidades, e darem uma oportunidade à PAZ (...). (XITU, 1997, p. 22).

Ou seja, a inclusão (“irmãos da UNITA”) abrange mesmo os angolanos que mais se distanciaram dos ideais e práticas de seu partido, não impedindo que se faça um apelo à unidade.

Emerge, desses trechos, o forte caráter político dos textos de Uanhenga Xitu, desenhando-se aí o seu engajamento. Dessa forma, não causa espécie que a primeira das dedicatórias de *O ministro* seja a seu pai, o qual “Nunca quis que um seu filho ou familiar enveredasse pelo caminho da política. (...)” para em seguida acrescentar:

(...) por outro lado, meu pai, também nunca aprendi como se entra na política. Quando mal se apercebe, já lá está. E o que seria do Mundo se os grandes continuassem sempre a ter a razão e os pequenos-pequenos sempre a obedecer-obedecer. E o que é a política? E o que não é política nesta era? (XITU, 1990, p. 19).

O fato de “nunca aprender como se entra na política”, mas a certeza de que os “pequenos-pequenos” devem ter a sua voz ouvida e respeitada, desenha uma razão do engajamento pessoal do parlamentar e cidadão Agostinho Mendes de Carvalho. Mas, segundo entendemos, é também esse forte sentimento de humanidade e senso de justiça que direciona o texto do escritor Uanhenga Xitu, conforme se explicita no seguinte trecho da Introdução de *O ministro*:

*Nada mais fiz que coleccionar e transmitir num livro os desabafos, as vozes, os gritos, as opiniões, os discursos de um público sem audiência e auditório, e sem tribuna, e sem expressão oficial e oficiosa.*

*Simplesmente fui e sou o apanhador e apontador daquilo que li na face, no sacudir dos ombros, no pestanejar dos olhos e nas mímicas de gente que me quis segredar o que lhe vai no íntimo e não consegue sacá-lo cá para fora com o medo, inexperiência e falta de jeito de dar o grito de aflição (XITU, 1989, p. 34).*

Como se pode depreender, temos aqui a função pública da literatura exercida enquanto tribuna onde se tornam audíveis as vozes dos que não têm oportunidade de serem ouvidos, explicitando a busca constante de construir fortes vínculos entre o escritor e o público. Os mecanismos para obtenção dessa ligação são variados, sendo, todavia, a oralidade o mais visível deles. Dessa maneira, a demanda de retomar a partir do escrito o que foi oral, faz com que o texto se dobre a uma outra forma de narrar, a qual inclui a incorporação de ditos populares em meio ao relato, as perífrases, a cadência própria da fala

com suas duplicações e reiteraões, construindo, com esses elementos o que Salvato Trigo chamou de “griotismo literário”:

[O autor] é, inequivocamente um dos maiores africanizadores da literatura angolana (...). Uanhenga Xitu vai continuar a escrever (...) polifonicamente, como tem feito até aqui, dando à literatura angolana cada vez mais o sabor da oratura. Só assim o texto viverá, uma vez que se alicerça numa expressão vivificante, qual é a do griotismo literário (...). (TRIGO, 1982, p. 12).

A expressão cunhada pelo estudioso parece-nos interessante, na medida em que atenta para o fato de que no texto de Xitu o choque entre oratura e texto erudito não é encoberto, mas, pelo contrário, salta ao leitor com uma multiplicidade ativa, construindo, como já apontamos, uma narrativa tensa e híbrida.

Mas se os textos de ficção trazem no corpo da linguagem a marca da oralidade, não podemos deixar à margem que também em termos da estrutura das narrativas a questão do griô e da política se apresentam na escrita de Uanhenga Xitu. Explicitemos.

Verifica-se que nos textos do autor de “Mestre” Tamoda, a carpintaria narrativa foge dos padrões do relato escrito tradicional, deslizando sutilmente em direção à história oral, muitas vezes contada à beira da fogueira. Surgem, então, as perífrases, a exemplificação que busca explicar melhor um dado elemento da narrativa e, não menos importantes, as palavras iniciais dos prefácios, as dedicatórias, os prólogos e posfácios, fazendo com que as estórias transbordem da moldura dos capítulos, para se tornarem uma espécie de longa fala do griô que rememora personalidades importantes da comunidade e comenta fatos, antes de passar à narrativa principal. Vejam-se, a respeito, por exemplo, as dez páginas de Dedicatórias e a longa Introdução (dividida em Introdução, Prefácio e Invocandos e Memorandos) de *O ministro* (1989), ou os 14 itens das “Dedicatórias e Memorações” de *Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* (1980).

Trata-se, aqui, segundo entendemos, de mais uma faceta política dos textos de Uanhenga Xitu, agora expressamente didática, na medida em que, ao conhecer e contar a História e as estórias da comunidade, traz à lembrança do círculo de seus leitores aqueles que não merecem ou não podem ser esquecidos: de Agostinho Neto às figuras dos Heróis do 4 de fevereiro, passando por mulheres e homens que deram o seu contributo (muitas vezes a própria vida) para

a existência da nação angolana. Quanto a esse particular, dois textos expressam de forma exemplar o que vimos afirmando: *O ministro* e *Cultos especiais*.

### ○ PRESIDENTE E O MINISTRO

O livro *O Ministro*, publicado inicialmente em 1990, articula dados biográficos à ficção, abordando as agruras que acometem os funcionários de primeiro escalão do governo, especialmente os ministros, que devem fazer frente às solicitações protocolares e de serviço inerentes ao cargo que ocupam, mas também às demandas dos amigos, parentes e vizinhos, que esperam benesses e presentes. Com uma linguagem muitas vezes irônica, mas sempre a serviço de uma responsabilidade que caberia ao escritor, Uanhenga Xitu realiza uma reflexão sobre o poder e a partir dela tira algumas lições, propiciando reflexões:

O Ministério estava dependente de outros desde a compra de um bago de arroz, até a compra de uma agulha hipodérmica. Tirando o material que já existia no tempo colonial e outro que pouco a pouco foi entrando, o que ele tinha, como seguramente e verdadeiramente seu, eram apenas os doentes e porque ninguém os queria hospedar nem comprá-los nem reivindicá-los! (XITU, 1990, p. 265).

Na política tudo é complexo. Às vezes ouvem-se vozes do povo a reclamar, indignado, ao ver elementos que no tempo colonial com fama de colaboradores da PIDE/DGS, ou suspeitos, e hoje guindados a postos de comando alto, valendo-se de cunhas de parentes, amigos e de donas, como Da. Saias, Da. Corrupção, Da. Saiotes, Da. Biquinis (...). (XITU, 1990, p. 93).

Seja criticando a penúria que o narrador encontrou ao assumir o Ministério da Saúde, seja externando sua censura às formas utilizadas por muitos para ascender social e politicamente, encontramos o mesmo caráter político, com o papel desempenhado pelo mais-velho:

A antiguidade é um posto. E em África, ser mais-velho é uma responsabilidade. O valor e a personalidade da juventude, o orgulho de um povo, está baseado na sua história, na história escrita pelos velhos. Quem são e foram os primórdios da nossa história revolucionária e como ela foi descrita no meio de tantas diversidades temporais e circunstanciais?! (XITU, 1990, p. 274).

Estamos aqui, frente ao papel do escritor que, segundo o autor, se reveste de uma alta dose de *responsabilidade*, que poderíamos chamar também de engajamento.

Segundo entendemos, é essa responsabilidade do mais-velho, que deve necessariamente se manifestar, que comanda a escrita do Posfácio de *Cultos especiais*. Conforme se recorda, sob o título de “Ponto prévio, Senhor Presidente”, temos um longo texto cujo receptor privilegiado seria o Presidente da República de Angola e que trata da arte de governar e das mazelas do país. São ali tratadas questões referentes ao racismo, à corrupção, ao futebol e à economia, elaborando-se um quadro bastante amplo da Angola contemporânea e os desafios que devem ser enfrentados pelos dirigentes do país.

A forma como o texto é construído – como uma longa fala ao Presidente entremeada por reflexões pessoais – retoma os elementos aqui já apontados: a presença da oralidade, o “griotismo literário” e o engajamento/responsabilidade do escritor. Trata-se da palavra do mais-velho a qual, ancorada no peso da experiência e do saber oriundo das massas, capacita-se a dialogar com o dirigente máximo da nação.

É interessante notar que o discurso de “Ponto prévio, Senhor presidente”, ainda que aponte de forma contundente os graves problemas que afligem Angola, não se furta a externar também a enorme confiança em seu futuro e na possibilidade da mudança:

Vamos ter de lutar para anular a desconfiança entre os angolanos, lutar contra os marginais, recuperar as crianças perdidas e os de rua, repor a ordem cívica, moral e pública, anulando os comportamentos de desobediência civil, repor a administração estatal com meios e homens capazes (...). (XITU, 1997, p. 104).

Está aqui expresso com palavras simples, mas bastante consequentes, todo um programa de governo de recuperação de Angola e do sonho pelo qual tantos lutaram.

A respeito, o trecho final de “Ponto Prévio, Senhor presidente”, merece ser destacado, já que assume a forma de um longo pranto, que é também saudação, em memória de Agostinho Neto e que homenageia não apenas o primeiro presidente de Angola, mas também escritores como Dunduma (Fernando Costa Andrade) e Manuel Rui e políticos como Paulo Jorge ou Alcântara Monteiro, passando por figuras paradigmáticas da História de Angola:

– Não, não, in-in-in ... um-um-um...

Oh Dumilde Rangel! Oh Doukui! Oh Roberto de Almeida! oh Kiluanje!  
Oh Punza! Oh Toca! Oh Guerra! Oh Coelho da Cruz, oh França!, oh Beto  
Van-Dúnem! oh Kitumba! Oh Kiambata! oh manos do 4 de Fevereiro! Oh  
manos do Processo 50! Oh manas da OMA!? in-in-in...! oh grupo dos presos  
políticos do Missombo, São Nicolau, Cabo Verde! in-in-in... oh todos que foram  
presos políticos!... in-in-in... oh Moco!... oh Carlos! En-en-in-in-um-um! (...)  
oh todo o mundo que não cabe neste choro de invocação e lamentação da tia  
Kanjila!!! in-in-in... Com o Neto no coração. Pela Paz e Unidade Nacional  
(XITU, 1997, p. 105).

A forte carga afetiva e política dessa invocação coloca o leitor no vórtice da História política atual do país, não sem antes distender a linha temporal para fazer com que a homenagem alcance também os condenados no Processo 50 e todos os presos políticos encarcerados por terem lutado pela independência de Angola. E nesse movimento de inclusão, o narrador assume decisivamente a postura do griô que conta a seu auditório a História do país, dando-nos a esperança e a poesia sem as quais não podemos sobreviver.

*São Paulo, Brasil, Outubro de 2011.*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *O problema da autonomia e da denominação da literatura angolana*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1985.

TRIGO, Salvato. TRIGO, Uanhenga Xitu – da oratura à literatura. In: *Cadernos de literatura*, n. 12. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 1982, p.29-33.

XITU, Uanhenga. *Cultos especiais*. Luanda: Ponto Um/Intergráfica, 1997.

\_\_\_\_\_. *“Mestre Tamoda” e outros contos*. Lisboa: Edições 70, 1977.

\_\_\_\_\_. *O ministro*. Luanda: União dos escritores angolanos, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os sobreviventes da máquina colonial depõem...* Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.